



“Rede de Mulheres Negras e Rede de Ciberativistas Negras - Pará - Construção identitárias negra amazônidas coletiva e contra narrativas insurgentes.”

SABRINA FIGUEIREDO SOUSA ¹

Resumo

A Rede de Mulheres Negras (RMN), assim como a Rede de Ciberativistas Negras (núcleo Pará) são movimentos auto organizados por mulheres autodeclaradas negras, de combate a opressões fortalecendo a luta anti-etnicorracista, de empoderando, fortalecendo a identidade negra amazônida em Belém e outras cidades no Pará. A RMN desenvolve atividades, desde 2015, de enfrentamento ao racismo, ao machismo e ao extermínio da juventude negras e periférica, bem como outras atividades à comunidade. Constrói e impulsiona a Marcha das Mulheres Negras em Belém, movimenta atividades de engajamento digital, bem como potencializa outras atividades de grupos. Em consonância a Rede de Ciberativistas Negras - Pará por sua vez está ligada por parte a RMN por membras que transitam entre estes espaços, e reivindicam o ciberespaço como uma maneira de construir contra narrativas não hegemônicas. Ambas se organizam em Rede, ou seja, de forma horizontal, democrática, e estabelecendo novos laços entre as participantes, reunindo virtualmente e presencialmente sempre que possível. Promovendo diálogos para integração das pessoas para aproximar posicionamentos contrários em favor do respeito às diversidades e especificidades de cada uma, entendendo as intersecções como fatores socioculturais como elementos essenciais de aproximação e luta étnico-racial, levando em consideração especificidades Territoriais, comprometidas em respeitar e dialogar de maneira interseccional e intergeracional, diálogos construídos sobre identidade, resistência, protagonismo negro, bem como segurança em rede e novas perspectivas para ativismo digital, etc, potencializando diálogos e histórias sobre ser Negra na Amazônia e suas intersecções, como sexualidade, extermínio da juventude negra em diversos espaços como escolas, universidades, associações de bairro, presídio feminino e outros espaços a convite.

Palavras-chave: Ciberativismo; Mulheres Negras Amazônidas; Identidade; Resistência.

A construção de sujeitos passa pela construção de identidades, logo a identidade, chave para entender os processos de identidade seja esse processo individual ou coletivo. Nessa perspectiva a construção de sujeitos passa sob a percepção que este tem por sua inserção na sociedade, seja de maneira individual, seja coletiva, construindo processos que vão de pequenos laços na construção de redes de colaboração. Esta Análise se dá por meio de pesquisa etnográfica, a partir da vivência e das percepções das participantes nos processos de organização sociais das Redes: “Rede de Mulheres Negras”, Pará, e Rede de Ciber Ativistas Núcleo Pará, para construção desses sujeitos, sejam individuais sejam na sua interdependência coletiva.

O começo das construções indentitárias neste trânsito – lugar e não Lugar, a partir do imaginário construído sobre a Amazônia em um prisma colonizador, sobre a manutenção de “lugar intocável, inabitável” onde constroem-se questões sobre as pessoas que ocupam esse território,

¹ Estudante, Ativista e educadora Social, Graduanda – Ciências Sociais. Universidade Federal do Pará – UFPA, e-mail: ss.sabrinassousa@gmail.com.

principalmente sobre a forma de manutenção da floresta e as relações com as pessoas que neste residem, neste imaginário não é desconsiderado o processo de migração e exploração que desde o começo da constituição do território brasileiro, de ocupação da Amazônia onde se instala nesta região as primeiras colônias de exploração e demarcação de territorial. As entrevistas e percepções se orientaram a partir do método etnográfico, de observação participante, entendendo a incapacidade de neutralidade nas orientações de pesquisas, mas atentando ao máximo para não intervenção entre as narrativas e as percepções sobre as construções destes elos entre as dinâmicas e as narrativas das 6 integrantes, das quais 2 exclusivas da Rede de Mulheres Negras, 1 entrevistada exclusiva da Rede de Ciberativistas – Núcleo Pará, e 2 participantes que integram ambas as Redes; Os trechos apresentados mostram parte das respostas das integrantes que estão em ambas a rede para entender melhor como as histórias destas se encontram, e um trecho da entrevistada da Rede de Ciberativistas – Núcleo Pará.

Percebemos as construções dessas identidades, uma presença marcante sobre como a ocupação e os processos de consolidação resultaram no que hoje percebemos como identidades negras amazônicas, as vezes expressadas pela como ribeirinhas, caboclas, afroindígenas. Demarcações que de acordo com o território deve ser percebida como tangente ao local de fala presente e como essencial para entender as construções dessas subjetividades heterogêneas e complementares que emergem. Assim como a presença da mestiçagem - não somente - como o acentuado em boa parte do território nacional, de brancos e negros mas a presença da mestiçagem entre negros e índios (que anteriormente era chamado de cafuzo) como afro descendência em ancestralidade casada entre negros e índios, os “afroindígenas”, ou negros amazônicos, e brancos e índios descrita na obra de Vicente Salles como se demonstra como há a presença descrita em sua obra como “convívio com os brancos corrompiam”, e a partir da intensificação da exploração da região, a princípio a exploração e escravização dos índios e posterior a intensificação da exploração e escravização das pessoas sequestradas do continente africano.

A partir de crises internas de saúde pública que ocasionou na morte de um grande número de escravizados indígenas na região, a escravização indígena e seus descendentes como de mão passa a ser secundária, gerando um fluxo muito maior de imigração forçada para escravizados negros que segundo Salles (1988) *“a região amazônica recebeu 50 mil escravos no período entre 1755 e 1820, com o funcionamento da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão”* (SALLES, 1988: 51). A exploração escravocrata africana passa a ser presente a partir do fim do sec. XVII e início do XVIII, causada pela precariedade da saúde gerada pela peste, que intensificou a exploração escravocrata africana a partir de então como meio de recuperar o trabalho nas fazendas locais, atribuído anterior a presença da escravidão gentil africana era vista como muito cara a exploração

local até o momento, devido à dificuldade de acesso da região, explorado assim o “tráfico vermelho na região”, que muda de cenário no período em que a exploração das drogas do sertão se misturam a outras lutas como a luta abolicionista. Gerando centros de aquilombamento na região, muitas vezes cruzados entre africanos e índios.

A ausência de estudos amazônicos nas demais regiões criam imaginários que não condizem com as realidades construídas neste território, de múltiplas ocupações e migrações, passadas e recentes, geram invisibilidades de um distanciamento e não reconhecimento deste lugar, pela ausência marcada, tanto de um apagamento colonial, como a herança imagética das outras regiões de pensar em uma região inabitada, nativa, intocável e em abundância natural a ser explorada, desconsiderando a ocupação vigente e resistente da Amazônia.

A invisibilidade do trânsito do não ser, que parte não da negação da presença indígena nessa construção identitária da amazônia, mas como a não usurpação de uma identidade étnica dessas populações, que considera a identidade índia como um processo de vida e relação familiar maior, não sendo como a única presente nas pessoas que não tem a ancestralidade a etnicidade indígena explícita por não ter relação direta como esta descendência por um apagamento étnico também indígena, de corpos construídos em diáspora.

A compreensão de que não temos como dissociar muitas vezes essa identidade, mas a compreensão de que há casado entre este caminho construído uma descendência africana e indígena, gerando identidades que transitam o não lugar entre as duas ou mais etnias, pela não identificação e apagamento de ambas nas relações presentes nas pessoas que aqui habitam, nas resistências desse viver sejam nos aquilombamentos urbanos ou rurais.

É neste contexto que surgem inúmeras manifestações de negritude, sejam religiosas, sejam musicais, sejam nas relações pessoais, sobre a necessidade de discursos percebidos como subalternos e a necessidade de construção de novas narrativas deste ser. Percebendo esta presença a partir de muitas aproximações de mulheres na academia e fora dela por militantes do movimento negro em Belém surge a Rede de Mulheres Negras que em 2015 a partir de uma necessidade, de ir a Marcha das Mulheres Negras Nacional, em Brasília, idealizada também por uma Mulher Negra Amazônica – Nilma Bentes, Integrante do Centro de Estudos e Pesquisa do Negro No Pará – Cedenpa o qual está a quase 4 décadas impulsionando articulações no território de afrodescendentes, bem como pesquisas direcionadas, movimento misto de afro amazônicos do Pará.

Mesmo com o grande engajamento do Cedenpa, e da Rede Fulanas, a necessidade de falas, representações e articulações de mulheres negras estar em Brasília em 2015 iniciou inúmeros debates na Grande Belém e no Pará, o que levou a criação de um outro movimento de mulheres

negras, naquele momento, muitas em contexto universitário na busca por apoio da Instituição para suporte na viagem a Brasília, o que gerou a mobilização e articulação para esse momento essencial para construções coletivas, a partir de então a mobilização começou a estreitar laços e gerar atividades de mobilização social, sobre bem estar, sobre pertencimento e sobre territórios. Sem estar, então, articuladas representando um novo movimento.

Após esta articulação em resposta a Universidade Federal do Pará, a qual não reconhece naquele momento a presença de mulheres negras, diz ser “inviável o apoio mediante a ausência de mulheres negras na Instituição”, um levante sobre afirmação da presença destas emerge e cria neste contexto o “I Seminário de Mulheres Negras da UFPA” como forma de impulsionar a marcha das mulheres negras de 2015 em Brasília.

O I Seminário foi o primeiro grande movimento deste grupo em busca não de respostas mas de visibilidade as multivozes presentes das mulheres e suas diversidades de ser. Percebendo a necessidade de manutenção dessa articulação a rede se constrói e passa a desenvolver atividades por toda a região e em locais convidados a falar sobre ser negra na Amazônia e as interseccionalidades que atravessam essas narrativas, que a partir das invisibilidades cotidianas constrói novos caminhos para identidades coletivas da negritude amazônicas. Desenvolvendo oficinas, “cine debates”, rodas de conversas diversas sobre identidade, resistência, protagonismo negro, etc, assim como posterior criou-se um ciclo de debates sobre “ser Negra na Amazônia” e suas intersecções, como sexualidade, extermínio da juventude negra e feminismo negro em escolas, universidades, associações de bairro, presídio feminino e outros espaços a convite. A Rede de Mulheres Negras se constrói de pessoas que participam de outros movimentos e redes, que podem a partir de interesse individual e identificação coletiva participar da auto-organização. Trabalhamos dentre as intersecções: Negritude amazônica, mulheres negras, identidades da população negra, e seu atravessamentos econômicos, sócio territoriais e sexuais.

A partir dessas da percepção da necessidade de manutenção dos diálogos construídos pela RMN e como as construções e afirmações dessas identidades são fundamentais na construção de pertencimentos, assim as reuniões frequentes foram firmadas e a partir destas novas atividades foram propostas para constituição da Rede que em as atividades têm como público alvo com jovens, adultas, sobretudo enfatizando o papel da mulher negra, e suas interseccionalidades, com formações e trocas sobre o feminismo negro e a territorialidade amazônica. Dentre algumas atividades. Essas construções se dão por meio de atividades voluntárias, e a viabilidade se dá por meio de campanhas financeiras independentes e doações.

A Rede de Mulheres Negras compôs a organização da campanha em 2016 articulando a primeira Marcha das Mulheres Negras de Belém, que em 2017 se torna Marcha das Mulheres Negras Amazônidas, é também em 2017 a partir de maiores articulações abre a campanha de 75 dias de ativismo contra o racismo e outras violências na Grande Belém (região Metropolitana) e em Salvaterra (município localizado no arquipélago do Marajó) debateu sobre suas organizações sociais e sobre resistências amazônicas, e em 2018 45 dias de ativismo – Mulheres negras na luta por direitos, constrói também na Marcha das Mulheres Negras em Belém e também outras regiões do estado como no Município de Marabá – distante mais de 500 km de Belém, A RMN também ajuda na construção do NegritAto, movimento auto-organizado da UFPA que surge a partir do racismo institucional recorrente na universidade, assim a participação perpassa o se reconhecer e reconhecer a outra nessa articulação e fortalecer identidades negadas sobre a negritude presente no território para resistências e fortalecimentos necessários para cada uma que colabora e participa de maneira mais ou menos ativa, e como coletivamente perceber sua (re)existência fundamental para fortalecer outras mulheres.

MARCHA DAS MULHERES NEGRAS DE BELÉM

25 de Julho* - 16h

ESCADINHA ATÉ A PRAÇA DA REPÚBLICA

REALIZAÇÃO:
REDE DE MULHERES NEGRAS
CEDENPA

APOIO:
CIAS INSTITUTO AVON FUNDATION

* Dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha.



FIGURA 1

Arte da I Marcha das Mulheres Negras – Belém



FIGURA 2

I Marcha das Mulheres Negras Belém - 2016



FIGURA 3

Arte II Marcha das Mulheres Negras - Amazônidas – 75 dias de Ativismo – 2017



FIGURA 4

Arte III Marcha das Mulheres Negras Amazônidas - Campanha 45 dias de Ativismo

Flávia Câmara, Psicologia, Mestre em Psicologia/UFGA, doutoranda Psicologia/UFGA. Ativista Social e Ciber Ativista, fala sobre sua vivência e relação como integrante da Rede de Mulheres Negras.

Então, posso falar como a Rede de Mulheres Negras porque eu estive desde o começo dela, foi um ano emblemática. Eu já vinha de um rompimento mesmo (de outros movimentos que construía), que faltava alguma coisa nos movimentos que eu fazia parte. [...] foi o ano que me aproximei das pessoas que são do movimento negro, e são do Cedenpa e são da Rede Fulanas, [...] nós somos muitas mulheres mas naquele momento perceber que nós precisávamos de espaços pra reconhecer, de acolhimento, envolvimento e espaços de pautas, de espaços de resistência, e que no momento que a gente precisava do ônibus da marcha nacional, em que a gente fez o seminário, nós vimos que conseguíamos construir esse evento, o quanto nós somos muitas e quantos potenciais nós temos entre nós. A Rede de Mulheres Negras nesse sentido, da gente conseguir se ver, se reconhecer, de conseguir pautar um movimento diferente. Aquele discurso né, “Que a gente não precisa se amar mas se respeitar.” A rede surge com a perspectiva de que a gente precisa construir afetos sim, é carinho, o cuidado, não só de quando é do meu gueto, do meu círculo de amizades, enfim.

A rede surge pra propiciar aquilo que a sociedade nos nega. Então nesse sentido, foi um momento em que várias meninas, mulheres se aproximaram pra saber o que eram, “será que sou negra, será que não sou, eu sei que não sou branca”, então a Rede De Mulheres Negras surge para que mulheres negras pudessem se afirmar enquanto mulheres negras. Nesse sentido, fortaleceu sim a minha identidade coletiva, porque nossas experiências são compartilhadas. Essa possibilidade de troca me proporcionou ser a pessoa que sou hoje, eu não cheguei até aqui só porque eu sou especial.

A narrativa de Flavia Câmara também fala sobre o processo de identidade e necessidade de reconstrução desse existir e resistir, que força de não desistir de si, e no pensamento do coletivo de impulsionar dentro dos limites de cada uma motivações necessárias para o trânsito, o que representa pra luta de mulheres negras, sobre o apoio de continuar a sua construção de organização coletiva sobre não ter desgastes a mais, mas sobre a organização coletiva ser responsável por acesso à outros espaços de construção de mulheres negras e ocupação.

A articulação estabelece elos com outras redes, os mais diversos possíveis na luta por garantir a participação e discussão nos mais diversos espaços. Esta participação conjunta entre integrantes da rede em outros movimentos e coletivos como a Rede de Ciberativistas Negras; Grupo de Mulheres Brasileiras, Mulheres Negras Amazônicas, Coletivo Sapato Preto (Mulheres Negras Lésbicas da Amazônia), Articulação de Negras Jovens Feministas, Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará; Marcha Mundial das Mulheres; Grupo de pesquisa Nos Mulheres pela equidade de gênero etnicorracial / UFPA; Rede Fulanas, e coletivos e entidades locais de representação.

Em consenso, a Rede de Ciber Ativistas Negras – Núcleo Pará determinou algumas diretrizes sobre suas influências de atuação nas quais se destacam por uma competências no saber fazer, sobre suas atuações em território local e Nacional como: Atuação política - Ativismo, a partir do uso predominante ou misto das novas tecnologias, como o uso das plataformas digitais para protagonizar novas narrativas cuja disputa destes espaços para narrativas não-hegemônicas, com os usos da interseccionalidade de cada integrante para construção de discursos que não correspondem ao padrão estabelecido gerando insurgência aos padrões dos sistemas, sob controle, sociais e usos virtuais dessas atuações percebendo também a internet como um espaço de disputa de narrativas, para construção e afirmação de sujeitos não hegemônicos.

Segundo Flávia Ribeiro, Jornalista e Ativista Social, CiberAtivista Negra, Feminista Negra, integrante tanto da Rede de Mulheres Negras quanto da Rede de Ciber Ativistas Negras fala um pouco sobre a construção desta nova movimentação, e os trânsitos e sobre os problemas encontrados sobre a disputa de narrativas e a invisibilidade dessa não hegemonia:

Em 2018, além da participação em eventos, o núcleo realizou um “Workshop Estratégias de autocuidado para militantes na internet e de mobilização em rede”, no Centro Cultural do Tribunal Regional Eleitoral, “O Uso da internet como estratégia de combate ao racismo”, no Instituto Nangetu e a “Oficina de segurança digital”, como parte da programação do seminário Comunicadorxs pela Democracia. Em 2019, o foco ainda é falar da importância da segurança no uso da internet, até porque as mulheres negras formam o grupo que mais recebe discurso de ódio na internet. Mas ainda não fizemos o calendário de ações para o ano.

Como a Rede Colabora na construção de identidades coletivas, primeiro, acho que visualmente, não somente a rede Ciber, mas todas as organizações de mulheres negras, mas na construção principalmente na Amazônia, em Belém que a Cidade é morena, que a

morenidade² está na invisibilidade das mulheres, sobretudo sobre não saber que é negra mas que visualmente por perceber que as mulheres são visualmente parecidas, como disse Nilma (Nilma Bentes) no processo de articulação da Marcha (de 2015) foi tão importante quanto a Marcha em si, sobretudo para identificação dessas mulheres, seja visual, seja por acesso a textos [...]

Fala sobre sua participação em rede e articulações e as pessoas perceberem a negritude a partir da visualidade e do compartilhamento das experiências, que a vida mesmo que diferente as situações são próximas, e há a identificação, sobre o processo de resistência e “soltar a voz” e através das redes “reverberar a voz e se mostrar”.

A partir da participação na rede, a partir desse momento a gente consegue reverberar nossa voz e falar dessas vivências invisibilidades. A gente Fura esse discurso hegemônico, e a gente reivindica esses espaços para nossas narrativas, e cada vez mais além de falar as nossas narrativas as gente faz os furos aqui e ali, a gente faz os furos e traz outras pessoas pra trazer para esse discurso não por ser contra, mas sobre as pessoas são essencialmente não hegemônicos, são pessoas fora desse padrão posto como hegemônico, o fato de falar sobre um dia seu, é importante viu, e a gente tem que escrever, a gente tem que se mostrar, tem que falar, tem que perder esse medo, que a gente tem de falar, a gente tem um problema de auto estima muito grande [...] que a gente não é importante, que a gente não é importante. [...] A gente precisa mostrar que existe uma intelectualidade de mulheres negras da Amazônia, não por uma necessidade egocêntrica, mas porque as pessoas precisam conhecer as intelectuais porque nós também somos mulheres negras brasileiras, afrolatinas, e se a gente conhece todos os textos das mulheres negras do sudeste. Aqui na Amazônia também existe intelectualidade, e se a gente também conhece os textos delas fala sobre ser negras, e a fala delas também nos atravessa a nossa também pode atravessá-las. [...]

[...] Isso também é falar sobre essa hegemonia, que a gente precisa furar esse discurso das mulheres negras do sudeste. [...] Nós somos a intersecção da intersecção. Então a gente tem que fura esse discurso que é dado como hegemônico, porque quando as pessoas pensam nessa intersecção, pensam em mulher raça e classe, e põe a territorialidade nesse espaço também de disputa e opressão, em que muitas vezes não é lida como negra, que existe toda uma intelectualidade e uma vivência que também nos forja como mulher negras, e que a gente quando sai daqui a gente sai pra falar, e querem que a gente seja cota, querem que a gente seja número, fique calada, querem que a gente se contente com qualquer coisa e a gente ainda precisa furar esse discurso de mulheres negras no Brasil. [...] Quando a gente sai daqui, a gente enfrenta todo o resto do Brasil.

Flávia Câmara também fala sobre sua participação na Rede Ciber Ativistas Negras, da necessidade de construir novos espaços de fala na internet, os quais mesmo com acesso difícil para população negra, ainda é um acesso possível, que há a possibilidade de fala de várias narrativas de outras mulheres antes invisíveis pelo sistema racista, hoje facilitada pelas facilidades de uso de ferramentas. Que é necessário construir e aprimorar essas ferramentas de uso ciber, para que nossa população tenha

² Morenidade na Amazônia – “Três pressupostos são fundamentais para se compreender esse processo: a) a supervalorização da presença indígena que se permite chamar de “mito indígena” e da ideia de que há pouca influência de africanos escravizados e de seus descendentes na região; b) a descoberta do negro a partir da obra de Vicente Salles; e c) a invenção da morenidade como marca identitária que mostra como a população negra foi percebida e se colocou no discurso local. Logo, para se compreender as relações raciais no Pará (e, de um modo geral, na Amazônia) é preciso que se estude como foram construídas as imagens e as ideias sobre a sua população, relacionando-as com o contexto nacional.” CONRADO, M.; CAMPELO, M.; RIBEIRO, A. Metáforas da cor: morenidade e territórios da negritude nas construções de identidades negras na Amazônia paraense. Salvador: Afro-Ásia, 51 (2015: 214-215).

alcance maior e possa não só se identificar com os discursos, mas construir. Sair da invisibilidade do discurso posto principalmente sobre outras regiões e sobre a invisibilidades dos discursos da negritude na Amazônia.

Joyce Cursino – Cineasta, jornalista, Ativista social e Ciberativista destaca em sua entrevista sobre o sujeito, no momento em que a percepção mesmo que não seja presencial, o que é facilitado pelo ciberespaço, a identificação colabora com a percepção e a luta pela presença em múltiplos espaços e que estimula a luta ativa sobre coletividades.

[...] possibilita que o sujeito possa de identificar e identificar o seu lugar no mundo, o sujeito se entende no mundo e os seus direitos e começa a fazer parte de uma rede e colabora pra acabar com as desigualdades sociais, e passa a ser um sujeito ativo, então a rede atua em uma representatividade de olhar e enxergar e entender de que forma essa identidade de mulher negra afeta os nossos processos sociais e políticos, então participar de palestras, trabalhar em rede , formações, de base, traz o impacto não só do conteúdo mas do reconhecimento da mulher negra, não somente de submissão mas sim sujeitos que estão subvertendo os saberes através da oralidade, e através da escrita.

Considerando os atravessamentos que passam em ser mulher negra amazônidas, em suas várias especificidades, urbanas e rurais, sobre sua sexualidade, sobre suas condições financeiras, sobre os discursos construídos a partir de trocas de sentidos, de vidas que são entre outras coisas afetos e respeito as ancestralidades presente neste território, sobre as especificidades que cada uma traz em si, sobre ser periférica e ainda assim compreender relações de meio ambiente como essenciais para reprodução de conhecimentos nativos da terra, das relações construídas nas assimetrias e em todos os discursos que atravessam os rios e estradas dessa terra. Estas narrativas não tem conclusões mas mostram caminhos seguidos sobre lutas e resistências contra invisibilidades recorrentes na negritude, e como o demarcador territorial constroem barreiras diversas de exclusão na luta por (re)existir, sobretudo em um território visto e construído diariamente sobre um imaginário que não corresponde a maioria das pessoas que nele resistem. As narrativas são de vivências e orientações sobre as dificuldades de reafirmar diante da modernidade do ser em exaltar individualidades como a coletividades constroem caminhos para o não invisibilizar vozes e lutas, sobre as vidas construídas e reconstruídas sejam no campo, na cidade, nas beiras de rios ou de estradas, como aquilombar é mais uma vez percebido nessas vistas de elos sobre até mesmo um parentesco invisível que une pessoas e histórias, sobre a necessidade de escutas sobre como a territorialidade está também relacionada na construção dos discursos aceitos, e sobre a hegemonia destes até mesmo sobre as intelectualidades invisíveis segundo a orientação territorial das quais se fundamentam, cujos sujeitos devem manter como performance nos discursos de terceiros, mas não para protagonizar essas novas narrativas, em um *loop* de disputas entre sujeitos, subalternizados, objetos e pesquisas, em que o rompimento deste ciclo cria novas insurgências de ser, que percebem e abraçam o trânsito destas múltiplas origens.

Referências

ANGUERA ARGILAGA, Maria Teresa. **Metodología de la observación en las Ciencias Humanas**, 1986. 23-50.

AMADOR DE DEUS, Zélia. **Os Herdeiros de Ananse: Movimento Negro, ações afirmativas, cotas para negros na universidade**. Zélia Amador de Deus, orientadora: Marilu Campelo. – 2008. Tese (doutorado). Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Belém, 2008.

AMADOR DE DEUS, Zélia. **O corpo negro como marca identitária na diáspora africana**. Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Diversidade e (Des)Igualdades. Salvador. 2011.

CASTRO, Edna. **Terras de pretos entre igarapés e rios.** Artigo parte integrante do relatório de pesquisa “quilombola de Bujarú. Memória da escravidão, territorialidade e titulação da terra” elaborado na pesquisa Mapeamento das comunidades negras rurais no estado do Pará. UNAMAZ, e no âmbito da pesquisa NAEA/UFPA, 1999.

CONRADO, Monica; CAMPELO, Marilu; RIBEIRO, Alan. **Metáforas da cor: morenidade e territórios da negritude nas construções de identidades negras na Amazônia paraense.** Salvador: Afro-Ásia, 51 (2015), 213-246

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará sob o regime da escravidão.** Brasília MIC/SECULT, 1988.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG (2010 [1985]).